

UMA REFLEXÃO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: OS CONTRIBUTOS DO PEDAGOGO PORTUGUÊS MÁRIO GONÇALVES VIANA

Uma reflexão entre o
passado e o presente:
os contributos do
pedagogo português
Mário Gonçalves Viana

Joaquim Pintassilgo¹

Resumo

Mário Gonçalves Viana (1900-1977) foi professor e formador de professores. Foi, igualmente, autor de uma obra vasta nas áreas da pedagogia, psicologia e biografia. Refletiu, abundantemente, sobre os valores da educação e sobre a deontologia docente. Embora próximo do regime autoritário e do nacionalismo conservador então prevalentes, Gonçalves Viana corporizou um projeto humanista de formação integral dos jovens. No plano pedagógico, manifestou-se próximo das concepções e práticas herdeiras da Educação Nova. Procuraremos, nesta comunicação, refletir sobre os contributos deste educador para aquilo que hoje entendemos como deontologia docente. Utilizaremos como fontes desta pesquisa algumas das principais obras pedagógicas do autor.

¹ Professor Associado do grupo de História da Educação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Doutor em História pela Universidade de Salamanca. Mestre em História Cultural pela Universidade Nova de Lisboa. Licenciado em História pela Universidade de Lisboa. Membro do Comité Executivo da ISCHE (2013/16) e da direção da HISTEDUP (2015/18).

Coordenador de projetos nacionais e internacionais e autor de diversos livros e artigos na área de História da Educação de que se destaca a recente obra coletiva *O 25 de Abril e a Educação* (Lisboa: Colibri, 2014).

A REFLECTION BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT: THE CONTRIBUTIONS OF THE PORTUGUESE PEDAGOGUE MÁRIO GONÇALVES VIANA

Abstract:

Mário Gonçalves Viana (1900-1977) was a Portuguese teacher and teacher educator. He was still the author of an extensive work in the areas of pedagogy, psychology and biography. He reflected abundantly on the values of education and on teaching ethics. Although close to the authoritarian regime and the then prevailing conservative nationalism, he embodied a project of humanistic education of young people. At the pedagogical level, he manifested himself around the conceptions and practices inherited from the New Education movement. In this paper we intended to reflect on the contributions of this educator to what we today understand as a teaching deontology. We will use as sources in this research some key pedagogical works of the author.

Keywords: lay teachers; history of the teaching profession; micro-history.

Mário Gonçalves Viana (1900-1977) foi professor e formador de professores, em particular na área da educação física. Chegou a ser diretor, entre 1951 e 1957, do então Instituto Nacional de Educação Física. Foi autor de uma obra vasta nas áreas da pedagogia, psicologia e biografia. Refletiu, abundantemente, sobre os valores da educação e sobre a deontologia docente. Embora próximo do regime autoritário e do nacionalismo conservador então prevalecente, Gonçalves Viana corporizou um projeto humanista de formação integral dos jovens assente num quadro amplo e partilhável de valores.

No plano pedagógico, manifestou-se próximo das conceções e práticas herdeiras da Educação Nova, que então surgia como “escola ativa”. No seu pensamento sobre os professores, Gonçalves Viana articula a valorização da dimensão especificamente profissional com uma reinterpretação de algumas das categorias tradicionais do trabalho docente, como sejam vocação, missão e exemplaridade. Procuraremos, neste artigo, refletir sobre os contributos deste educador para aquilo que hoje entendemos como Educação para a Cidadania, para a impossibilidade de a pensar num regime autoritário, como era o então vigente, para a questão das identidades (nacional, profissional, ...) e, em particular, para a construção de uma deontologia docente tal como a procuramos hoje concretizar.

Utilizaremos como fontes desta pesquisa algumas das principais obras pedagógicas do autor, designadamente *A educação integral* (1940), *Pedagogia Geral* (1946), *O Professor* (1947) ou *Ética pedagógica* (1954), bem como a sua produção na imprensa pedagógica (*Escola Portuguesa, Educação,...*), cujo conteúdo analisaremos no sentido de evidenciar e analisar as categorias mais importantes que estruturam o seu pensamento. Trata-se de um trabalho de análise documental sobre fontes diversificadas assente numa abordagem histórico-filosófica e conjugando, em particular, contributos provenientes da História Cultural, da História Conceptual e da Micro-História.

A PEDAGOGIA E A DIDÁTICA: ENTRE A “CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO” E A “ARTE DE ENSINAR”

Tornaram-se clássicas, na literatura pedagógica produzida nas décadas finais do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX, as tentativas de fundamentação do trabalho do professor convocando o binómio, aparentemente paradoxal, ciência e arte (Pintassilgo, 2011; Woods, 1999). Mário Gonçalves Viana, que escreve as suas obras à volta de meados do século XX expressa, de forma bem clara, essa dicotomia.

É, pois, indispensável que o mestre tenha a consciência exata da missão que desempenha e que esteja à altura de realmente a desempenhar. A educação requer, além de intuição e apreciável cultura geral, uma notável preparação especial, que tenha por base o estudo da psicologia, da sociologia, da pedagogia e da técnica de orientação profissional. Trata-se de uma arte que deve ser estudada cientificamente. (VIANA, 1940, p. 140)

O autor enfatiza, sem qualquer dúvida, a necessidade de um estudo científico da realidade educacional por parte dos educadores, de natureza interdisciplinar e em correspondência com a “notável preparação especial”, ou seja, especializada, que o seu desempenho exige. Mas esse não é o único elemento. Além de ser necessária uma “cultura geral”, quer dizer, o saber científico ou humanístico, é igualmente imprescindível “intuição” e “consciência exata da missão que desempenha”.

Analisaremos adiante a ideia de “missão”. Sublinhemos, para já, que a referência à “intuição”, que se articula com o perfil pessoal, remete para um saber-fazer resultante da experiência prática.

Há pessoas, é verdade, que imaginam que só a prática do ensino pode formar o educador e dar-lhe a necessária experiência; essas pessoas desconhecem que os princípios são sempre úteis para esclarecer e guiar a prática. (VIANA, 1940, p. 141)

Não obstante a valorização da dimensão experiencial, o autor admite a seguir que “a prática de ensino” não é suficiente para formar o educador. Os “princípios” são imprescindíveis para “esclarecer e guiar a prática”. Mas essa preparação pedagógica e psicológica não deve conduzir a excessos de erudição, deve estar muito fortemente articulada com a própria prática.

O professor precisa de ter uma preparação pedagógica e psicológica específica, orientada num sentido essencialmente concreto e prático, fora de todos os exageros teóricos do eruditismo estéril e balofo. (VIANA, 1947, p.28)

Encontramos, pois, em Gonçalves Viana um esboço de formulação de uma relação harmoniosa entre teoria e prática pedagógica que se aproxima das conceções atuais sobre o tema.

O reconhecimento da dimensão científica da formação articula-se, por outro lado, com a definição da atividade docente como uma profissão (PERKIN, 1987). Em termos gerais, a profissionalização, entendida como projeto histórico, é algo que podemos intuir nos discursos dos educadores e formadores de professores que, em momentos diferentes, escreveram na imprensa pedagógica ou que publicaram manuais de pedagogia ou de didática, até porque é uma noção que contribui, de forma visível, para a valorização dos professores e do seu trabalho. O reconhecimento dessa dimensão profissional está presente no pensamento de Mário Gonçalves Viana, por exemplo nos seguintes excertos:

Desde há muito que a profissão do magistério é considerada como uma profissão de altíssima importância social. (VIANA, 1947, p.25)

O professor deve procurar honrar e dignificar a profissão, em toda a parte onde se encontrar. (VIANA, 1954, p.26)

Nem todas as pessoas podem desempenhar uma tão importante profissão. (VIANA, 1947, p.28)

As referências à profissão, à sua elevada importância social, à necessidade de os professores contribuírem para a sua dignificação são constantes. Os professores são apresentados como sendo os verdadeiros especialistas do ato educativo, detentores, como já notámos, de um saber capaz de fundamentar cientificamente a sua atividade e de uma experiência prática capaz de enriquecer os princípios que os norteiam. Olhando de forma mais distanciada para esta retórica profissional poderíamos, hoje, acrescentar o seguinte. Não obstante a sua relevância, a utilização discursiva de categorias como profissão, profissionalismo e profissionalização envolve também alguns riscos. Em primeiro lugar, o risco da mitificação ou do investimento meramente retórico; quer dizer, da elaboração de uma espécie de narrativa da salvação, desfasada da realidade. Em segundo lugar, o risco de ficarmos reféns de um paradigma de profissão inspirado nas profissões liberal, dificilmente aplicável a este caso concreto. A complexidade da atividade docente, se tivermos em conta a sua historicidade e as suas diversas dimensões, não se compadece com olhares redutores. A noção de profissão não esgota, assim, a tentativa de uma definição, sendo conveniente conjugá-la com outras categorias (Escolano Benito, 2011; Tom, 1984) como, de resto, encontramos potencialmente em Mário Gonçalves Viana e em outros educadores deste período.

“VOCAÇÃO”, “MISSÃO” E “PAIXÃO” COMO DIMENSÕES DO ENSINO

A docência surge, com frequência, idealizada e sacralizada nos discursos dos professores, designadamente quando vistos na longa duração. O investimento dos professores no seu trabalho e as implicações desse trabalho no futuro da sociedade são bastas vezes destacadas. A atividade é apresentada geralmente como sendo uma missão, aparecendo

os professores como verdadeiros missionários, apóstolos ou sacerdotes do ensino. As referências religiosas são uma constante, evocando, exatamente, as raízes religiosas da profissão. Os elementos aqui referidos estão bem presentes no pensamento de Mário Gonçalves Viana como podemos apreciar nos exemplos que se seguem.

Não há, pois, verdadeira Escola, sem professores à altura da sua missão. (Viana, 1947, p.28)

Não é educador quem quer. O educador necessita possuir um pouco de apóstolo. (Viana, 1940, p.140)

Está claro que a vocação desempenha, no caso, um papel preponderante: A educação é mais do que uma ciência; é uma arte; não é uma coisa que se aprenda; é um dom com o qual se nasce. (Viana, 1940, p.142)

O magistério é mais do que uma profissão: tem de ser uma carreira de sacrifício e de apostolado. (Viana, 1955, p. 146)

E assim chegamos ao tema, incontornável, da vocação, um tema de ontem e de hoje, articulável tanto com discursos conservadores como progressistas, em matéria pedagógica, entenda-se. Convém ter em conta que a vocação não exclui, em muitos dos argumentos, o recurso a outras categorias para definir a profissão docente, nem representa, necessariamente, um olhar descontextualizado sobre a mesma, como alguns autores contemporâneos têm realçado, além de que o seu sentido é variável, estando, em alguns casos, já distante da fundamentação religiosa que lhe está na origem (Hansen, 1995). Como vemos nas citações anteriores, profissão e vocação não surgem como categorias antagónicas, parecendo antes complementar-se.

Tanto no caso deste como de outros autores, a noção de vocação surge articulada com outros dos temas relacionados com a figura do professor como a necessidade de ter em conta os detalhes da prática, numa aproximação ao seu entendimento como ofício; o papel das emoções no que se refere ao seu envolvimento com os seus alunos; a importância da pessoa do professor e da sua natural exemplaridade.

A escola é, fundamentalmente, o professor. (. (Viana, 1947, p.7)

O professor deve procurar aperfeiçoar-se como pessoa humana e como Educador. (. (Viana, 1954, p.24)

O professor deve respeitar, em cada aluno, a dignidade humana. (. (Viana, 1954, pp. 29-30)

Ensine que disciplina ensinar, ele tem sempre mil e uma oportunidades de educar os alunos, por exemplos e por palavras. A pontualidade e o apuro com que se deve apresentar, inalteravelmente, nas aulas já representam elementos educativos importantes. Para ser professor é necessário ser moralmente elegante, impondo a autoridade mais pelo prestígio, correção e compostura da sua atitude do que pelas palavras iracundas ou pelas expressões enfáticas. (Viana, 1940, p.143)

O enraizamento da profissão numa tradição moral é, na verdade, uma referência constante nos discursos de professores e formadores de professores (Hansen, 2001). A pessoa do aluno, e o respeito que esta deve merecer, surge como ponto de partida essencial. O professor é-o em função do seu aluno. É isso que dá sentido à dicotomia clássica, de fundo religioso, mestre – discípulo. É isso, igualmente, que sustenta a definição do professor como educador. O crescimento integral da criança ou do jovem representa o compromisso do professor

e este investe plenamente a sua pessoa na consecução desse desiderato. Assim se compreende o tema da exemplaridade do mestre, permanentemente glosado pelo discurso pedagógico, independentemente de momentos ou tendências. Essa ideia está bem presente na afirmação de que “para ser professor é necessário ser moralmente elegante”. Responsabilidade imensa, esta, tendo em conta a fragilidade humana que condiciona o professor, qualquer professor. Mas esta é, sobretudo, uma retórica que tem em vista a legitimação e dignificação do exercício profissional, ancorando-o num ideal supremo, a formação dos cidadãos do futuro, a construção da nova sociedade.

Subjacente às reflexões anteriormente apresentadas de Mário Gonçalves Viana está, igualmente, o tema da “paixão” na educação, outro daqueles que surge em momentos diferentes da reflexão pedagógica sobre a figura do professor, tema esse que nos conduz, na verdade, à incontornável presença da dimensão afetiva nas relações educativas e que foi recuperado, mais proximamente, pelo académico inglês Christopher Day (2004). Assim sendo, tanto a vocação como a paixão surgem como metáforas de um ensino assente em valores e em propósitos morais, de um professor crente em ideais remetendo para o aperfeiçoamento humano, de um comprometimento simultaneamente racional e emotivo e de um exercício da profissão criativo e desafiador, condições estas intuídas historicamente por alguns educadores, tanto em termos teóricos como práticos, e passíveis hoje de sistematização a um outro nível.

A DIMENSÃO MORAL DO TRABALHO DOS PROFESSORES. EXEMPLARIDADE E DEONTOLOGIA DOCENTE

Como têm mostrado, para o caso português, os estudos de A. Nóvoa (1987; 1998), a definição de um conjunto de normas e valores próprios dos professores constituiu uma dimensão essencial do processo de profissionalização da atividade docente. Mesmo sem a vigência de um código

deontológico, aceite como tal pelos professores, estes foram, em momentos diferentes, contribuindo para a elaboração de princípios deontológicos, sentidos como tal, princípios esses que conheceram uma presença difusa nos discursos produzidos, como uma espécie de “cristalização da experiência ética” desses mesmos professores (Cunha, 1996, p.118). Um aspeto importante é o facto de, através desses princípios, se aspirar a uma autoregulação do exercício da profissão. A deontologia docente é, nesta ótica, vista como algo construído a partir do interior da profissão, resultante duma reflexão própria sobre a prática, e não como algo imposto de fora pelo Estado. Como alternativa informal a essa imposição, vários educadores e formadores de professores foram contribuindo gradualmente, designadamente nas páginas da imprensa de educação e ensino e dos manuais de pedagogia e didática, para a elaboração duma espécie de código implícito do ensino, o qual se destinava a ser, posteriormente, apropriado por camadas cada vez mais amplas e conscientes da classe.

Na obra de Mário Gonçalves Viana, o tema da ética ou deontologia docente ocupa um lugar de destaque, como podemos ver em obras como *O Professor* (1947) ou *Ética pedagógica* (1953). Isso mesmo pode ser ilustrado através dos seguintes exemplos:

O magistério é uma atividade complexa, que impõem variados e delicadíssimos deveres. (Viana, 1955, p. 159)

Há aptidões e capacidades que desde sempre têm sido consideradas essenciais à atividade magistral: honestidade, prudência, paciência, serenidade, imparcialidade, acolhimento, bondade, compreensão da criança, espírito de disciplina, domínio de si, etc. (. (Viana, 1947, p.27)

Em face do exposto, tem o professor [...] deveres múltiplos a cumprir, deveres esses que poderiam sistematizar-se em função das seguintes relações:

- a) Deveres do professor em relação a si próprio;
 - b) Deveres do professor em relação aos alunos;
 - c) Deveres do professor em relação à profissão;
 - d) Deveres dos professores em relação aos seus colegas e aos seus inferiores;
 - e) Deveres dos professores em relação às famílias dos alunos.
- (. (Viana, 1954, p.24)

O autor manifesta uma clara consciência da importância e papel da deontologia docente no sentido de valorizar e dignificar os professores e o seu trabalho, afirmando-os como verdadeiros profissionais do ensino. Chega a propor, em vários momentos, uma espécie de código deontológico, assente num conjunto de valores éticos, como os indicados em cima, e implicando dimensões diversas do exercício profissional (na relação com os alunos, os colegas, as famílias, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto que Mário Gonçalves Viana teve como pano de fundo no que se refere ao seu percurso biográfico, o Estado Novo salazarista, foi um contexto particularmente difícil para o exercício profissional docente e para a concretização de pedagogias alternativas tendo em conta o forte controlo ideológico e moral, a censura intelectual e a repressão política exercidas sobre todos os cidadãos, ao mesmo tempo que os professores, em particular, viam a sua autonomia pedagógica bastante restringida e aspetos do seu quotidiano alvo de um controlo estrito, para além de sofrerem as consequências de algumas medidas tendentes a uma certa desprofissionalização. Esses condicionalismos não impediram que Mário Gonçalves Viana desenvolvesse um pensamento pedagógico próprio e assente numa ética humanista, não obstante a proximidade política que tinha em relação ao regime autoritário de então, pensamento esse também muito marcado pela influência

dos pressupostos da chamada Educação ou Escola Nova, tal como são apropriados, a partir dos anos 30 do século XX, por correntes pedagógicas conservadoras ou católicas. A designação Escola Ativa surge, em muitos momentos, como uma designação mais em correspondência com esse esforço de reinterpretação.

Uma das preocupações centrais presentes na obra de Mário Gonçalves Viana é a da importância de uma reflexão sobre os fundamentos éticos do exercício profissional docente. Na sua ótica, o trabalho do professor deve ser conduzido por princípios de natureza deontológica, sendo o próprio professor uma figura eminentemente ética, o que nos remete para a consideração da sua exemplaridade moral e para a necessidade de uma articulação próxima entre a pessoa e o professor. Este discurso surge associado à crença, muito presente no autor, no alto valor social da educação e, em consequência, na relevância da função social desempenhada pelo professor.

Nessa conformidade, a definição do professor como profissional do ensino, detentor de um saber de base científica e recorrendo a técnicas especializadas, surge como outro dos eixos centrais do pensamento de Mário Gonçalves Viana. O reconhecimento de que a docência é uma profissão não significa, para este como para outros autores, que essa seja a única dimensão presente na definição do que é ser professor. Outras categorias são aqui convocadas e reinterpretadas, designadamente categorias que integram, na longa duração, a tradição docente, designadamente missão, vocação ou sacerdócio, muitas delas metáforas ou analogias que remetem para as raízes religiosas da atividade.

Essas duas retóricas, a profissional e a religiosa, não surgem como contraditórias mas antes como complementares. Pretende-se, em qualquer dos casos, legitimar o trabalho dos professores e contribuir para a sua dignificação social. Igual complementaridade é atribuída às definições com recorrem a metáforas e analogias de inspiração artesanal ou ofical e que tendem a valorizar a vertente prática e experiencial do trabalho

docente, ou seja, que olham para o ensino, nas palavras da época, simultaneamente como uma ciência e uma arte.

Fica claro para nós, no final deste percurso, que os discursos de educadores como Mário Gonçalves Viana têm, entre as suas finalidades, fomentar a partilha, entre todos os professores, de um conjunto de crenças, ideais, valores, conhecimentos especializados e práticas desejáveis, em qualquer dos casos considerados elementos essenciais para a construção de uma comunidade simbólica e etapa fundamental do processo de profissionalização (Nóvoa, 1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Day, C. (2004) *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.
- Escolano Benito, A. (2011) Arte y oficio de enseñar. In P. Celada Perandones (Ed.). *Arte y oficio de enseñar. Dos siglos de perspectiva histórica. XVI Coloquio Nacional de Historia de la Educación* (Vol. I, pp.17-26). El Burgo de Osma: Sociedad Española de Historia de la Educación – Universidad de Valladolid – Centro Internacional de la Cultura Escolar.
- Hansen, D. T. (2001) *Exploring the moral heart of teaching. Toward a teacher's creed*. New York and London: Teachers College Press.
- Hansen, D. T. (1995) *The call to teach*. New York and London: Teachers College – Columbia University.
- Nóvoa, A. (1987) *Le temps des professeurs. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIIIe-XXe siècle)* (2 vols.). Lisboa: INIC.
- Perkin, H. (1987) The teaching profession and the game of the life. In P. Gordon (Ed.). *Is teaching a profession?* (pp.12-25). London: Institute of Education, University of London.
- Pintassilgo, J. (2011) Em torno da Arte de Ensinar: vocação, paixão, exemplaridade moral e prática. In P. Celada Perandones (Ed.). *Arte y oficio de enseñar. Dos siglos de perspectiva histórica. XVI Coloquio Nacional de Historia de la Educación* (Vol. I, pp.201-208). El Burgo de Osma: Sociedad Española de

Historia de la Educación – Universidad de Valladolid – Centro Internacional de la Cultura Escolar.

Tom, A. R. (1984) *Teaching as a moral craft*. New York & London: Longman.

Viana, M. G. (1940) *A educação integral*. Porto: Editora Educação Nacional.

Viana, M. G. (1955 / 1946) *Pedagogia Geral* (3ª edição revista, melhorada e actualizada). Porto: Livraria Figueirinhas.

Viana, M. G. (1947) *O Professor*. Biografia sintética da fundação docente. Breves achegas históricas para um profissiograma do professor. Lisboa: s/n.

Viana, M. G. (1954) *Ética pedagógica. Alguns problemas de deontologia profissional*. Lisboa: Separata do «Boletim do Instituto Nacional de Educação Física».

Woods, P. (1999) *Investigar a arte de ensinar*. Porto: Porto

Submetido em: 07/02/2017

Aprovado em: 14/04/2017